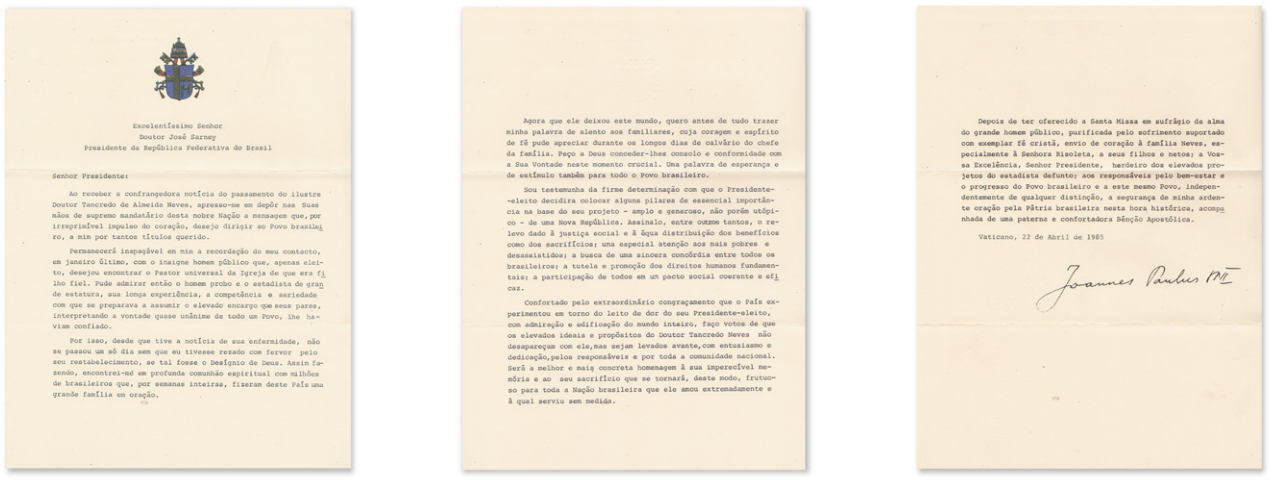
Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

Reprodução

Última vivo com Risoleta e os médicos (E para D) Renault Mattos, Pinheiro Rocha, Resende Alves, Henrique Pinotti e Gustavo Arantes



Carta do papa João Paulo II a José Sarney, que assumiria o mandato de Tancredo, lamentando a morte do primeiro presidente pós-ditadura

na casa do brigadeiro Octávio Moreira Lima (ministro da Aeronáutica), que também participa; e a segunda com Sarney, no Palácio do Planalto. Nesta, sugere que se crie uma junta médica para acompanhar Tancredo. O presidente em exercício deixa claro que não haverá restrição de recursos para amparar o presidente eleito.

Leva a proposta da junta médica à família de Tancredo, que concorda. Na noite daquele domingo, 17 de março, são disparados telefonemas para especialistas indicados por Renault, Pinheiro Rocha, Tancredo Augusto (filho do presidente), Aécio Neves (então secretário particular do avô) e Aloysio Neves (médico e primo de Tancredo).

Do Rio de Janeiro, vêm Jayme Landman e Lopes Pontes, indicados por Renault. De Belo Horizonte, Célio Nogueira e Wilson Luiz Abrantes — sugeridos por Pinheiro Rocha. E da capital mineira e de São Paulo, João Baptista de Resende Alves e Agostinho Bettarello, a pedido dos Neves. Henrique Walter Pinotti foi mandado pelo governador paulista Franco Montoro, por solicitação de Ulysses.

Se a relação entre os médicos não era de completa afinidade, com a junta médica sofre profunda fratura. Segundo Pinheiro Rocha, Pinotti desembarca dizendo que eram amigos e que, por isso, estava ali para ajudar — o cirurgião nega que fossem próximos, apesar de se conhecerem desde que fizeram um curso na França. A junta foi informada de que tratava-se de um tumor intestinal, mas todos concordam em sustentar a versão da diverticulite.

Cabeçadas

Na edição de 18 de março de 1985, do **Correio Braziliense**, fica claro que a piora na saúde do presidente não era mais segredo. Manchete da página 3: "Tancredo enfrenta problemas em sua recuperação — Boletins médicos são contraditórios. Mas Aécio garante que o avô está bem e de ótimo humor". O entorno do presidente eleito dá cabeçadas com declarações desencontradas.

No boletim lido às 20h50 pelo porta-voz da Presidência, o jornalista Antônio Britto, afirma-se que "o estado de saúde do presidente, depois do resultado das radiografias feitas à tarde do tórax e do abdome, é satisfatório". Porém, o filho Tancredo Augusto relatou à imprensa que encontrou o pai, por volta das 18h30, "aparentemente muito bem, com bom-humor e conversando normalmente". Já Aécio, que disse ter estado com o avô pouco depois, pelas 19h, afirmou que o estado de saúde era bom, "inclusive bem melhor do que ontem".

Os médicos também não se acertam nas versões. Renault dissera aos jornalistas de plantão, por volta das 18h30, que Tancredo estava com um princípio de pneumonia e negou que fosse um edema pulmonar. Às 19h, Pinheiro Rocha afirma exatamente o contrário: "Ele (o presidente) não tem pneumonia de forma alguma. Acabo de estar com ele. Estava sentado, conversando e muito bem-humorado. Não há anormalidade", assegurou.

Em 19 de março de 1985, a situação de Tancredo segue piorando. O abdome continua distendido, não há movimentos intestinais — apenas quando estimulados —, vomita e os pulmões estão infiltrados, conforme mostram as radiografias de tórax. Luis Mir frisa que o presidente eleito não voltou a se alimentar do dia da operação até o da morte. "Se há consenso estabelecido de que os médicos não deveriam ter forçado o retorno do peristaltismo, também há consenso de que ele se tornou um desnutrido crônico, com todas as consequências disso decorrentes para o organismo de um paciente idoso em pós-operatório complicado. Ele foi um dieta zero desde o pós-operatório imediato até o final", salienta, na página 157 do seu livro. Além disso, as tentativas de passagem de sonda machucaram Tancredo internamente e aumentaram o sofrimento.

Mas não era apenas a saúde do presidente eleito que deteriorava. O relacionamento entre os médicos também. Pinotti montou sua própria equipe, que trabalhava em paralelo à de Pinheiro Rocha e Toscano Franca. Chamou Wilson Pollara, Ivan Ceconello, Luiz Tarcísio Filomeno, José Eduardo Monteiro da Cunha, Telesforo Bachella e Bruno Zilberstein para compor o time. A única indicação de que o presidente poderia sofrer nova intervenção foi dada pelo ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal: "O estado de saúde do presidente é mais grave do que ontem e uma nova operação dependerá da decisão dos médicos", disse, ao ser interpelado pelos repórteres à saída do HDB, conforme registrado na página 3 do **Correio Braziliense** de 20 de março.

Manchete daquele dia: "Rumores assustam, mas médicos dizem que Tancredo passa bem — Junta examina o presidente e constata que ele só tem problemas no intestino". Não se falava em reabrir o paciente, mas avaliava-se o quadro institucional, incerto e tenso. Em artigo na página 3, o então editor de Política do **Correio Braziliense**, Armando Rollemberg, afirma que não se podia falar de posse diante de um quadro tão nebuloso. "Passadas as primeiras 120 horas da cirurgia, porém, o quadro clínico apresentado sugere uma reversão das expectativas. Mesmo que nada mais grave aconteça, o presidente dificilmente estará em condições de despachar nos próximos 30 dias", frisa.

Conflitos

Apesar da animosidade entre os integrantes da junta médica, é Pinheiro Rocha quem conduz a segunda cirurgia, que começa às 16h e termina pelas 19h45. A nova intervenção é motivada por uma divergência de diagnóstico — Resende Alves enxerga nos exames algo que os demais não viam, insiste na intervenção e o grupo concorda. Estava, porém, equivocado. Só que tal constatação fez-se apenas depois de aberto o paciente. Ou seja: não houve a necessidade de submeter Tancredo a tamanha exposição.

Ao contrário do primeiro procedimento, este de 20 de março é realizado na sala de operações do pronto-socorro, considerado um ambiente mais crítico do que o da cardiologia, local da primeira intervenção. Apesar de Pinheiro Rocha estar à frente da equipe cirúrgica, como um gesto de gentileza deixa para Pinotti o fechamento do abdome de Tancredo. Nesse momento, surge outro problema: o tipo de "costura" feita no presidente eleito pelo médico paulista — em "jaquetão". A sutura executada teria saído do centro de cirurgia já necrosada. Além disso, tal procedimento "subiu" o diafragma de Tancredo, que passou a ter problemas para respirar, segundo o anestesista Edno Magalhães.

Em 21 de março, na primeira página do **Correio Braziliense**", a dúvida sobre a necessidade do segundo procedimento: "Tancredo resiste à segunda operação — Médicos, políticos e familiares do presidente debateram a conveniência da cirurgia durante sete horas".

Segundo José Augusto Ribeiro, em *Tancredo Neves — A noite do destino*, não foi a conclusão da operação feita por Pinotti que azedou o relacionamento entre os médicos. O cirurgião paulista teria feito um comentário deselegante sobre uma questão técnica da primeira intervenção, conduzida por Pinheiro Rocha. Por causa disso, os dois, inclusive, por pouco não entram em luta corporal. Torna-se público que a junta médica rachara.

Até a madrugada de 25 de março, quando Tancredo teve uma severa hemorragia, apesar dos indicadores preocupantes, há algum otimismo. Fala-se em alta médica, posse e volta para casa. O presidente até promete a Pinotti, conforme depoimento que prestou ao Conselho Regional de Medicina de São Paulo, em 1986, que trabalharia em ritmo lento e que, "na Semana Santa, eu passo a receber um ministro por dia". Na noite de 24 de março, a equipe médica paulista participa de uma festa de despedida oferecida pelo ministro Fernando Lyra, da Justiça. Iria embora na manhã seguinte. Mas o telefonema de Pinheiro Rocha a Pinotti, de madrugada, acaba com a planejada volta para casa.

A foto

Havia, porém, um problema adicional: dar uma satisfação pública sobre a saúde de Tancredo. Estava bem? Estava mal? Não se sabia e a especulação corria. Era uma preocupação interna (da família, dos políticos e dos médicos) e uma cobrança externa (da imprensa e da sociedade). Decidiu-se que o presidente apareceria para pôr fim à boataria. Por volta das 11h do dia 25, é levado para a sala dos médicos no HDB, depois de preparada por d. Risoleta. É Antônio Britto quem conta, em *Assim morreu Tancredo*.

"O presidente vestiu o robe de chambre sobre o pijama e colocou uma echarpe para cobrir o pescoço, embora ali não tivesse nada. Ele tinha apenas duas sondas, uma de soro e outra de alimentação parenteral. Aí o presidente saiu de seu quarto, numa cadeira de rodas, acompanhado de d. Risoleta e enfermeira, que segurava os dois frascos de soro", lembra. E prossegue: "Eu, que só tinha visto o presidente entrando e saindo do centro cirúrgico, falei pela primeira vez com ele desde a internação. 'Como vai, Britto?', saudou-me. 'Tudo bem, presidente. Como vai o senhor? Vamos lhe incomodar um pouco', disse-lhe. Ele parecia mais pálido, cansado e um pouco inchado. O [fotógrafo] Gervásio Batista se emocionou muito ao vê-lo, e não se cansava de repetir: 'Mas, meu presidente, que bom lhe ver, meu presidente. Mas que bom!'. O dr. Tancredo se acomodou no sofá do centro, a enfermeira colocou os dois frascos de soro no chão, atrás do sofá, e saiu de cena."

Na foto, veem-se, da esquerda para a direita, Renault, Pinheiro Rocha, d. Risoleta (que, inicialmente, não quis aparecer), Tancredo, Resende Alves, Pinotti e Gustavo Arantes (diretor do HDB). O tórax do presidente está nitidamente inchado, mas sua expressão facial é boa. Gervásio tira várias fotos. "Quem se mostrava mais tranquilo era dr. Tancredo, que parecia estar gostando. 'Fiquem calmos. Façam o trabalho de vocês'. Ele conversava com o dr. Resende, ao seu lado, explicando: 'Isso é assim mesmo. Demora um pouco. Eles são muito cuidadosos'. E Gervásio insistia: 'Só um minuto, presidente'", relata Britto. A alegria daquele momento, porém, dura pouco. Tancredo sangra muito, enquanto as fotos se espalham na imprensa.

Embalado pelo otimismo, o **Correio Braziliense** dá como manchete na edição de 26 de março: "Tancredo deve assumir dia 21 — Data foi revelada pelo líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga. Aécio promete uma grande festa". O Dia da Inconfidência parecia premonitório e indissoluvelmente ligado à trajetória do presidente. Porém, naquela noite de 25 de março, uma reunião decide duas coisas: a primeira, que não se falaria mais em posse — determinação do ministro-chefe da Casa Civil, José Hugo Castello Branco; a segunda, que Tancredo iria para São Paulo.

São Paulo

O presidente chega à capital paulista por volta das 8h30 de 26 de março, levado em um avião inadequado — um jato da Presidência da República para transporte de autoridades. No voo, recebe várias bolsas de sangue. Após o desembarque, é removido imediatamente para o Instituto do Coração (Incor), onde se submete a uma cintilografia para determinar a origem do intenso sangramento — vinha da linha da sutura da primeira cirurgia. Tenta-se uma arteriografia para estancar a hemorragia, que fracassa. Levam Tancredo para a mesa de operação por volta das 16h45 e o terceiro procedimento dura, aproximadamente, 50 minutos. Dá certo, mas a condição geral é crítica.

A comoção popular que tomara Brasília muda de lugar. Até poucas horas antes, o HDB tornara-se local de romaria, de preces sentidas, de manifestações de apoio e de preocupação com a saúde de Tancredo. Agora, o santuário é o Incor. A população, que esperançosa e em silêncio fora receber o presidente eleito, em Congonhas, na sua última viagem vivo, manifestava toda aflição que sofria em frente ao local da internação. E rezava. E fazia correntes de vibrações positivas. E pedia a Deus pela vida daquele que reacendeu a esperança do brasileiro no futuro. Como no discurso da vitória, no Colégio Eleitoral, em janeiro daquele ano, todos passaram a acreditar, profundamente, no que Tancredo propusera ao país: "Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão. Se todos quisermos, dizia-nos, há quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, podemos fazer deste país uma grande Nação".

Porém, a realidade era mais dolorosa, mais injusta. Com as notícias sobre o presidente eleito, um clima de eliminação do Brasil para a Itália, na Copa de 1982, desalentava a população. O véu da tristeza cobriu o país. Esperava-se, para qualquer momento, que um dos boletins lidos por Britto trouxesse o inevitável — que Tancredo partira. Os brasileiros anteciparam o luto. Aquela farra das Diretas Já e da vitória sobre Paulo Maluf, na eleição presidencial indireta, não tinha sido suficiente para alimentar, fosse quem fosse o presidente, a fé na inflação mais baixa, em mais empregos, em melhor qualidade de vida, em educação pública decente, em saúde abrangente, em impostos menores, em violência sob controle, em políticos corretos, em dinheiro público bem aplicado. Era preciso que Tancredo indicasse o caminho para se alcançar tudo isso.

Nos boletins passados por Britto ao mundo exterior, agrega-se uma palavra aparentemente desimportante, mas que é o pior inimigo que alguém pode enfrentar dentro de um hospital: a infecção. No combate à guerrilha de bactérias e virus, o infectologista Vicente Amato Neto. Desdobra-se para conter um adversário implacável e traiçoeiro, que concede ao paciente momentos de equilíbrio e, aos médicos, dribles humilhantes e brutais ofensivas.

A quarta cirurgia acontece em 2 de abril de 1985 — a razão foi uma hérnia. Reacende-se o otimismo na equipe médica. Antes, em 27 de março, o presidente em exercício José Sarney visita Tancredo. Veem-se de longe. O presidente eleito faz um sinal positivo com o polegar direito e, com o indicador esquerdo, aponta para a barriga. O substituto sorri, acena, manda um beijo fraterno e sai.

No dia 4, a quinta operação — desta vez para a drenagem de abscessos. A infecção não cede e as crises se sucedem. Os médicos, literalmente, suavam a camisa na tentativa de manter o controle: "Levavam de 30 a 40 minutos naquilo, chegavam a sair suados dali", lembra Britto. Ao final, Tancredo entra em choque, a pressão arterial vai quase a zero. A esperança dos médicos se abala.

Em 9 de abril, o presidente eleito submete-se a uma traqueotomia para a retirada de uma sonda. Era a sexta cirurgia. Apesar da simplicidade do procedimento, no pós-operatório o coração de Tancredo para. Onde quer que tenha estado naqueles minutos, o fato é que voltou à custa de muitas manobras cardíacas. A manchete do **Correio Braziliense** do dia seguinte: "Tancredo em estado gravíssimo — Presidente eleito sobrevive à pior crise (queda de pressão e taquicardia) após a sexta intervenção".

Para conter focos de infecção, realiza-se a sétima cirurgia. Sabia-se, porém, que a guerra estava perdida. "Tancredo em lenta agonia — Quadro é irreversível. Tancredo já se despede dos médicos. Desativação dos aparelhos será fatal", é a manchete do **Correio Braziliense** de 11 de abril. No dia 12, o jornal anuncia a derradeira operação, mas deixa claro: "Chances de sobrevivência são remotas. Decisão de operar é uma desesperada tentativa dos médicos".

Em 19 de abril, o **Correio Braziliense** alertava, na manchete: "Estado de Tancredo é desesperador". No dia 20, o especialista em infecção pulmonar Warren Zapol, do Hospital Geral de Massachusetts, na cidade norte-americana de Boston, examina Tancredo, a pedido de Pinotti. O veredicto apenas confirma o que se sabia: nada mais há a fazer, a não ser esperar o passar das horas.

Domingo, dia 21, a luz de Tancredo começa a se apagar. Os Neves reúnem-se, choram entre eles, trocam lembranças. D. Risoleta tenta, da melhor forma possível, aguardar o ponto final. O dia passa e alonga o sofrimento. "Será ainda hoje?", perguntam-se todos.

O relógio aproxima-se das 22h30. Britto acomoda-se na cadeira e entra em cadeia nacional de rádio e tevê: "Senhores, por gentileza", pede aos jornalistas, que já sabiam o que seria anunciado a seguir. O comunicado é lido com voz firme: "Lamento informar que o excelentíssimo senhor presidente da República, Tancredo de Almeida Neves, faleceu esta noite, no Instituto do Coração, às 22h23. Acrescento o seguinte: nos últimos 50 anos, a vida pública de Tancredo Neves confundiu-se com os sonhos e com os ideais brasileiros de união, de democracia, de justiça social e de liberdade. Nos últimos meses, pela vontade do povo e com a liderança de Tancredo Neves, esses ideais se transformaram na Nova República. A emocionante corrente de fé e de solidariedade das últimas semanas, enquanto o presidente Tancredo Neves lutava pela vida, só fez crescer esse sentimento de união, que foi sempre ação, exemplo e objetivo de Tancredo Neves. Com a mesma fé, com a mesma determinação, o Brasil haverá, a partir de agora, de realizar os ideais do líder que acaba de perder — Tancredo Neves".

Britto levanta-se. Segue-se uma salva de palmas.

Manchete do **Correio Braziliense** de 22 de abril de 1985, uma segunda-feira: "Tancredo morreu. Deixou a esperança".